



Esta é a estória de Flu, um peixinho colorido como a alegria, que viveu no estuário de um rio muito grande, quase à vista do mar e, depois... bom... nademos mais devagar porque ele — ou será ela? — ainda está por nascer...



— Raul, Mariana, venham ver o que eu descobri! Venham cá depressa, depressa! — gritava o João para os amigos que brincavam à beira do rio.

Entusiasmado, o miúdo esticava o indicador esquerdo, apontando para uns juncos esguios que tremiam no vaivém de umas ondas fagueiras.

— Ora, ora, que grande descoberta... há ervas dessas por todo o lado! — observou a Mariana desapontada.

— Não é nada disso... — respondeu-lhe o João — espera que o vento abrande e olha com atenção para o fundo, para a areia, ali mesmo antes dos juncos.

Nas duas crianças cresceu a curiosidade e os seus olhos colaram-se àquele pedaço do rio, na esperança de conseguirem ver o que de tão especial

se esconderia sob o trémulo espelho de águas. Não perguntaram mais nada ao João porque, nestas coisas das descobertas, o bom mesmo é cada um descobrir por si só. Contado não tem graça...

Passaram alguns instantes, que pareceram uma eternidade, até que o Raul exclamou:

— Olha, olha... é um peixe!!!

A Mariana que, entretanto, também o vira, confirmou:

— É tão bonito! Tem tantas cores, até parece pintado!

Então o João, muito ufano, lembrou:

— Estão a ver!?! Eu não vos dizia?!...

Estava eu a espreitar uma libelinha de asas azuis, que planava sobre o alto dos juncos, tentando poisar, quando o vi! É muito bonito mesmo!



Os três amigos não sabiam, mas era o pai da Flu — um perca-sol — o peixe que por ali nadava de olhos bem abertos. Incomodado com aquelas inesperadas atenções, o peixe dava voltas e contravoltas sobre uma covinha na areia e enfrentava as crianças com um ar ameaçador.

— E o que faz ele ali, sem sair daquele lugar?... Parece que está a dançar! — interrogou-se, em voz alta, a Mariana.

— Está a guardar o seu tesouro... — explicou o João a sorrir como quem percebe muito de peixes.

— Tesouro? Qual tesouro? — replicou o Raul já a imaginar tratar-se de alguma espécie de peixe pirata.

— Ora, ora, que tesouro terá para guardar um peixe, senão os ovos de onde nascerão os seus filhinhos? — respondeu o João com estas palavras de sábio que, certamente, deverá ter ouvido ao pai nalguma pescaria.

— E porque é que os está a guardar... se eles não fogem?! — quis perceber a Mariana.

— Que pergunta Mariana! Está ali para os proteger, para que eles não vão parar à barriga de algum peixe esfomeado, ou de uma rã, ou de uma cobra de água... há dentro do rio muitos animais que gostariam de comer uma boa omeleta — brincou o João, lambendo os lábios.

O pai-peixe é que não estava a achar graça nenhuma à conversa, que nem entendia e, carrancudo, continuava com os olhos fixos nas crianças.